



SÍNODO
LISBOA 2016

#4

setembro
a dezembro
2015

GUIÃO DE LEITURA

A dimensão social
da Evangelização



PATRIARCADO DE LISBOA

#4 GUIÃO DE LEITURA

setembro a dezembro 2015

A dimensão social da Evangelização



Oração

Invoco o Espírito Santo para que me inspire e me conduza, em liberdade e sem preconceitos, na leitura, na reflexão, na partilha e na concretização da Exortação Apostólica do Papa Francisco «A Alegria do Evangelho».

V/. Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis.

R/. E acendei neles o fogo do vosso amor.

V/. Enviai, Senhor, o vosso Espírito,
e tudo será criado.

R/. E renovareis a face da terra.

Senhor, nosso Deus,
que instruí os corações dos vossos fiéis
com as luzes do Espírito Santo,
fazei que apreciemos rectamente todas as coisas,
segundo o mesmo Espírito,
e que gozemos sempre da sua consolação.
Por Cristo, Senhor nosso. Ámen.

Leitura e reflexão pessoal

Leio integralmente o Capítulo IV [n.176-258] da Exortação Apostólica «A Alegria do Evangelho». Nessa leitura pessoal **sublinho o que mais me interpela ou chama a atenção** para mim, para o grupo cristão de que faço parte, para a Igreja diocesana de Lisboa e para a Igreja universal. Anoto o seguinte:

- As minhas frases seleccionadas,
- As minhas observações a estas frases,
- Desafios que estas frases lançam à comunidade cristã.

Diálogo em comunidade

Reúno-me em grupo de diálogo (família, movimento eclesial, grupo paroquial a que pertenço, comunidade religiosa, escola, associação, instituição cívica / social / profissional a que pertenço, grupo a constituir especificamente para este fim...) e partilho os sublinhados e as anotações que fiz na minha leitura pessoal. Escuto os outros com atenção. Reflecto e levanto novas questões. Apresento propostas para o Sínodo debater, aprofundar e aclarar.

Para este diálogo em comunidade, terei em conta todo o Capítulo IV da Exortação Apostólica e concorrerei para um debate amplo e aberto. Contudo, para melhor balizar o diálogo, posso servir-me da síntese e questões apresentadas de seguida.

ATENÇÃO: Não é obrigatório responder à totalidade das questões. A diversidade das mesmas facilitará uma discussão mais ampla.



«A Alegria do Evangelho»

Capítulo IV: «A Dimensão Social da Evangelização»

«Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo» [n.176].

Neste capítulo da exortação apostólica, o Papa Francisco partilha as preocupações relacionadas com a dimensão social da evangelização.

I. As repercussões comunitárias e sociais do querigma

«O querigma (primeiro anúncio da fé) possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade». [cf. n.177]

Confissão da fé e compromisso social

«A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas acções uma primeira e fundamental reacção: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros». [cf. n.178]

1. Será que o encontro com Cristo ressuscitado na oração, na escuta da Palavra, nos sacramentos me leva a amar e a procurar o bem dos

outros? O que fazer para que as nossas comunidades não percam o entusiasmo de viver o Evangelho da fraternidade e da justiça?

O Reino que nos chama

«A nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma «caridade por receita», uma série de acções destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4, 43)». [cf. n.180]

«Toda a criação significa também todos os aspectos da vida humana, de tal modo que “a missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. O seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano lhe pode parecer estranho”. A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história». [cf. n.181]

1. Será que as nossas expressões de caridade proclamam que o Reino de Deus está perto? O que fazer para que a nossa caridade não seja apenas uma série de acções para tranquilizar a própria consciência, mas seja uma procura do Reino de Deus?

A doutrina da Igreja sobre as questões sociais

«Os ensinamentos da Igreja acerca de situações contingentes estão sujeitos a maiores ou novos desenvolvimentos e podem ser objecto de



discussão, mas não podemos evitar de ser concretos – sem pretender entrar em detalhes – para que os grandes princípios sociais não fiquem meras generalidades que não interpelam ninguém». [cf. n.182]

«Por conseguinte, ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocuparmos com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciarmos sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos». [cf. n.183]

1. Que caminho percorrer para que as nossas comunidade estejam cada vez mais empenhadas na construção dum mundo melhor?

2. Que situações concretas na nossa comunidade/ bairro/ freguesia/ município/ país é preciso atender?

II. A inclusão social dos pobres

Neste segundo ponto, o Papa relembra-nos que a nossa preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados.

Unidos a Deus, ouvimos um clamor

«Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade». [cf. n.187]

«[...] a palavra «solidariedade» significa muito mais do que alguns actos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns». [cf. n.188]

«É preciso repetir que “os mais favorecidos devem renunciar a alguns dos seus direitos, para poderem colocar, com mais liberalidade, os seus bens ao serviço dos outros”. Para falarmos adequadamente dos nossos direitos, é preciso alongar mais o olhar e abrir os ouvidos ao clamor dos outros povos ou de outras regiões do próprio país». [cf. n.190]

«Não se fala apenas de garantir a comida ou um digno «sustento» para todos, mas prosperidade e civilização nos seus múltiplos aspectos. Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum». [cf. n.192]

1. Será que estamos a alongar o olhar e abrir os ouvidos ao clamor dos outros povos ou de outras regiões do próprio país ou estamos apenas preocupados com o nosso “quintal”?

2. Que passos concretos a nossa comunidade tem de percorrer para poder agir mais e melhor na promoção da dignidade humana dos que estão perto e dos que estão longe?

Fidelidade ao Evangelho, para não correr em vão

«Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres encarna em nós quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento



alheio». [cf. n.193]

Neste número o Papa lembra-nos que a mensagem do Evangelho é tão clara, tão directa, tão simples e eloquente que não podemos relativizar: «Para quê ofuscar o que é tão claro? Não nos preocupemos só em não cair em erros doutrinários, mas também em ser fiéis a este caminho luminoso de vida e sabedoria». [cf. n.194]

«A própria beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora». [cf. n.195]

1. O sinal da opção pelos últimos está presente em cada um de nós e nas nossas comunidades?

O lugar privilegiado dos pobres no povo de Deus

«No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo «Se fez pobre» (2 Cor 8, 9)». [cf. n.197]

«Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem «os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5). [...] Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar». [cf. n.198]

«O nosso compromisso não consiste exclusivamente em acções ou em programas de promoção e assistência; [...] mas primariamente uma atenção prestada ao outro “considerando-o como um só consigo mesmo”. [...] Sem a opção preferencial pelos pobres, “o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a actual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta”. [cf. n.199]

«A pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta dum caminho de crescimento e amadurecimento na fé». [cf. n.200]

1. Que caminhos percorrer comunitariamente para acolher esta renovada proposta da opção preferencial pelos pobres?

Economia e distribuição dos rendimentos

«A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política económica, mas às vezes parecem somente apêndices acrescentados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral». [cf. n.203]

«Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado. O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento económico, embora o pressuponha; requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição dos rendimentos, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo». [cf. n.204]

«Temos de nos convencer que a caridade “é o princípio não só das micro-relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macro-relações como relacionamentos sociais, económicos, políticos”». [cf. n.205]



«**A economia** – como indica o próprio termo – **deveria ser a arte de alcançar uma adequada administração da casa comum, que é o mundo inteiro.** Todo o acto económico dum certa envergadura, que se realiza em qualquer parte do planeta, repercute-se no mundo inteiro, pelo que nenhum Governo pode agir à margem dum responsabilidade comum». [cf n.206]

1. Qual é a nossa prioridade na gestão dos nossos bens e/ou das nossas empresas?

2. Será que a caridade está presente nas nossas relações laborais?

Cuidar da fragilidade

«Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-Se especialmente com os mais pequeninos (cf. Mt 25, 40). Isto recorda-nos, a todos os cristãos, que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra». [cf. n.209]

«Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor [...]. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor dum Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais». [cf. n.210]

«Entre estes seres frágeis, de que a Igreja quer cuidar com predilecção, estão também os nascituros, os mais inermes e inocentes de todos, a

quem hoje se quer negar a dignidade humana para poder fazer deles o que apetece, tirando-lhes a vida e promovendo legislações para que ninguém o possa impedir». [cf. n.213]

«Há outros seres frágeis e indefesos, que muitas vezes ficam à mercê dos interesses económicos ou dum uso indiscriminado. Refiro-me ao conjunto da criação. Nós, os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas». [cf. n.215]

1. Como é que temos cuidado da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos. Que caminho há a fazer na nossa comunidade?

III. O bem comum e a paz social

«A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras». [cf. n.218]

«A paz também não se reduz a uma ausência de guerra [...] constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens». [cf. n.219]

«Para avançar nesta construção de um povo em paz, justiça e fraternidade, há quatro princípios relacionados com tensões bipolares próprias de toda a realidade social [...] estes quatro princípios que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum». [cf. n.221]



O Papa Francisco detém-se sobre o “fruto da paz”, sublinhando que a dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios.

1. Será que procuramos na nossa comunidade e na nossa vida trabalhar para o bem comum e procurar a verdadeira paz social?

2. Preferimos o conforto de uma vida sem sobressaltos a reivindicar a dignidade de toda a pessoa humana?

O tempo é superior ao espaço

«Para progredir na construção de um povo: o tempo é superior ao espaço». [cf. n.222]

«Este princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos [...]. Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tentar tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. [...] O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos de uma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás». [cf. n. 223]

1. Será que na nossa comunidade sabemos privilegiar as ações que constroem, comprometem e ajudam a gerar novos dinamismos na sociedade, sem vivermos a ansiedade de obter resultados imediatos, de fazer muitas coisas em pouco tempo? Que exemplos práticos temos disso?

2. Preocupamo-nos em construir um povo? Sabemos evangelizar tendo em conta este paradigma de espaço sobre tempo?

A unidade prevalece sobre o conflito

«O conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceite. Mas se ficamos encurralados nele, perdemos a perspetiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada». [cf n. 226]

«A forma mais adequada de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo». [cf n.227]

1. Temos presente que o anúncio do Evangelho começa sempre com a saudação da paz? Saberemos nós contruir esta unidade superior ao conflito ou vivemos apenas numa “paz negociada”?

2. A nossa comunidade sabe aceitar a diversidade, manter a unidade do Espírito e apaziguar conflitos?

A realidade é mais importante do que a ideia

«Existe também uma tensão bipolar entre a ideia e a realidade: a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se. Entre as duas, deve estabelecer-se um diálogo constante, evitando que a ideia acabe por separar-se da realidade». [cf. n.231]

«A realidade é superior à ideia. Este critério está ligado está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento [...] O critério da realidade, de uma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se, é essencial à evangelização [...] impele-nos a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra». [cf. n.233]



1. Sinto que na minha comunidade a Palavra é posta em prática? Ou sinto que vivemos num “reino de ideias puras” e a fé fica reduzida à retórica?

O todo é superior à parte

«Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade». [cf. n. 234]

«O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas. [...] É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Mas há que o fazer sem se evadir nem se desenraizar». [cf. n. 235]

«A nós, cristãos, este princípio fala-nos também da totalidade ou integridade do Evangelho que a Igreja nos transmite e envia a pregar [...]. A Boa Nova é a alegria de um pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequenino». [cf. n. 237]

1. Sabemos ser este “todo” na comunidade? O que nos faz mais falta para o conseguir atingir?

IV. O diálogo social como contribuição para a paz

O diálogo entre a fé, a razão e as ciências

«O diálogo entre ciência e fé também faz parte da acção evangelizadora que favorece a paz. [...] A evangelização está atenta aos progressos

científicos para os iluminar com a luz da fé e da lei natural, tendo em vista procurar que respeitem sempre a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases da sua existência». [cf n.242].

1. Saberemos manter um diálogo pacífico, aberto e frutoso quando se abordam temas da razão e da ciência?

O diálogo ecuménico

«A credibilidade do anúncio cristão seria muito maior se os cristãos superassem as suas divisões e a Igreja realizasse ‘a plenitude da catolicidade que lhe é própria naquele filhos que, embora incorporados pelo Batismo, estão separados da sua plena comunhão’. Devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças». [cf. N 244].

1. Que sugestões concretas propomos para conseguirmos a unidade dos cristãos? Como ultrapassar as diferenças que nos separam, os medos e desconfianças que às vezes sentimos e concentrar nas convicções que nos unem?

As relações com o judaísmo

«Um olhar muito especial é dirigido ao povo judeu, cuja Aliança com Deus nunca foi revogada, porque “os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis”[...] Como cristãos não podemos considerar o judaísmo como uma religião alheia». [cf. n.247]



1. Sabemos viver em diálogo e partilha com os judeus? Como olhamos para este povo?

O diálogo inter-religioso

«Uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não-cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas». [cf. n.250]

«Neste diálogo, sempre amável e cordial, nunca se deve descuidar o vínculo essencial entre diálogo e anúncio, que leva a Igreja a manter e intensificar as relações com os não-cristãos. [...] A verdadeira abertura implica conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas “disponível para compreender as do outro” e “sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos”». [cf. n.251]

1. Como sinto e vivo o diálogo com crentes de outras religiões?

Faço-o com amabilidade e cordialidade?

2. A minha comunidade sabe aceitar e viver em comunhão com outras religiões? Que estratégias proponho para reforçar este diálogo?

3. Quais os aspectos mais positivos da experiência da relação com outras religiões?

O diálogo social num contexto de liberdade religiosa

«Os Padres sinodais lembraram a importância do respeito pela liberdade religiosa, considerada um direito humano fundamental. [...] Um sã pluralismo, que respeite verdadeiramente aqueles que pensam diferente e os valorizem como tais, não implica uma privatização das religiões». [cf. n.255]

1. Quais as estratégias que parecem mais adequadas para viver o anúncio do Evangelho, de forma pacífica e respeitando o pluralismo das outras religiões?



Síntese

O grupo de diálogo faz a **síntese das respostas** dadas às questões anteriores, enriquecendo-a com outros contributos relevantes que tenham surgido no debate e na partilha, e responde ao **questionário online**, até ao dia 31 de dezembro de 2015, no endereço:

<http://sinodo2016.patriarcado-lisboa.pt>

Em alternativa, e até à mesma data, poderá enviar a síntese para o endereço de e-mail:

sinodo2016@patriarcado-lisboa.pt

Concretização / Compromisso / Acção

Depois de ter dado este primeiro “primeiro passo” – na oração, na leitura e no diálogo – rumo ao Sínodo diocesano, comprometo-me com um gesto concreto:

Sugestão:

1. **Reconhecemos no nosso bairro ou próximo de nós alguma situação de marginalização, de exclusão ou desigualdade.**
2. **Refletirmos acerca de possíveis atuações a nível pessoal ou comunitário. Pensarmos ações muito concretas que estejam ao nosso alcance, ainda que não sejam solução definitiva dos problemas.**

Celebração

No ritmo e no dinamismo dos tempos litúrgicos próprios deste quarto trimestre preparatório, a comunidade encontrará formas de **assinalar celebrativamente a caminhada sinodal**, fazendo das celebrações litúrgicas, especialmente da Eucaristia, «fonte e cume» – isto é, ponto de partida e ponto de chegada – rumo ao Sínodo diocesano.



SÍNODO
LISBOA 2016

As etapas

GUIÃO #1 / SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2014

“A transformação missionária da Igreja”

GUIÃO #2 / JANEIRO A MARÇO DE 2015

“Na crise do compromisso comunitário”

GUIÃO #3 / ABRIL A JUNHO DE 2015

“O anúncio do Evangelho”

GUIÃO #4 / SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2015

“A dimensão social da Evangelização”

GUIÃO #5 / JANEIRO A MARÇO DE 2016

“Evangelizadores com Espírito”

ORAÇÃO OFICIAL

Maria, Mãe da Igreja,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim».
Dai-nos a audácia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.

Virgem da escuta e da contemplação,
intercedei pela nossa Igreja de Lisboa,
em caminho sinodal,
para que nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.

Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a resplandecer
com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.

Mãe do Evangelho vivo,
manancial de alegria para os pequeninos,
rogai por nós.
Ámen.